

EXÉRCITO (RE) NASCER

João Andrade da Silva

“Desde o Sr. Presidente da República, como Chefe Supremo das Forças Armadas, até ao soldado mais moderno, todos têm o dever Nacional, ético, deontológico e moral de fazer tudo, para tornar as Forças Armada sustentáveis, mais eficazes e eficientes, isto é, melhores para o seu país, a comunidade internacional e os seus membros”



Há sempre novas tarefas a fazer, para evitar a entropia e a implosão dos sistemas, sejam eles instituições ou outros, e desempenha um papel fundamental na saúde dos mesmos sistemas a sua abertura ao meio envolvente e a informação retroactiva. Esta última necessidade é tão pouco respeitada, por quem se sente pré-destinado para um dado futuro e cobre a avaliação das suas rotinas e a obtenção de resultados, com estratégias vários, com um mesmo DNA – o autoritarismo e a impunidade.

Seja como for, realizaram-se tarefas muito complexas no Exército, como: O fim dos quartéis gerais; a deslocalização de grandes comandos de Lisboa para várias cidades do interior; a alteração dos currículos escolares do curso de sargentos; a extinção da escola de formação de oficiais técnicos; a externalização de vários cursos.

Tudo isto foram movimentos de grande profundidade que precisam, todos, de uma rigorosa avaliação, e no caso que mais conheço, a da formação de sargentos, é fundamental, a avaliação das competências dos sargentos, após aquela reforma, porque havendo uma igualação de todas as vias (normal, profissionalizante) do ensino secundário, nem todos os que ingressam na Escola de Sargentos (ESE) dominam os saberes de igual modo, particularmente, o da língua portuguesa.

Se nestas áreas que aludi, houve decisões rápidas, por vezes, sem os estudos aprofundados que faziam, quiçá, falta, noutros campos houve marasmo e bloqueamentos diversos, como vimos no texto anterior.

A nível da gestão dos recursos humanos, mas também de outros pilares das forças armadas, como analisaremos, o desempenho não terá sido o melhor, nem provavelmente o desejável.

Neste caminho interessa regressar à pirâmide das dimensões que fundamentam o Exército e as Forças Armadas, ou seja:

- A BASE: Os valores – a Ética, a Deontologia, a Moralidade;
- A Complexidade do Ambiente;
- A Elevada Competitividade;
- A Excelência das competências nas dimensões saber-saber; saber-fazer; saber-ser, isto é

teóricas, técnicas e pessoais;

- Políticas de Recrutamento, formação, avaliação do desempenho e progressão na carreira devidamente ajustadas, eficientes e eficazes;
- Avaliação permanente e ancorada da eficácia global das Forças Armadas;
- Informação / formação à população sobre o interesse e a utilidade das Forças Armadas, para se manter o património de prestígio e honorabilidade avaliado de que no país goza;
- Utilização das Forças Armadas em missões internas em Portugal:
- Contrapartidas internacionais, quanto às nossas missões no exterior, como fonte de financiamento das Forças Armadas, e mesmo do País;

Para que se sinta qualquer necessidade de (re) nascimento das Forças Armadas, interessaria que todos os governantes e militares, estes, em todas as situações, conheçam e reconheçam muito bem que as Forças Armadas gozam de um reconhecido prestígio no seio do nosso povo.

Dirigi um estudo baseado num inquérito à população jovem: Do 9º ao 12º anos, para se indagar da apetência dos jovens para serem militares. O estudo envolveu cerca de 4000 jovens de todo o território nacional, e os resultados confirmam a generalizada aceitação dos jovens pelas Forças Armadas com base no voluntariado e do seu interesse para Portugal; 30% admitiam a hipótese de seguirem uma carreira militar no voluntariado; e 23 % consideravam que a actividade mais atractiva eram as missões de paz, seguidas dos valores como a disciplina, a camaradagem e a aventura, isto é, estes jovens espelham bem quanto nas suas famílias as forças armadas são prezadas.

Estes resultados foram replicados nos inquéritos sociológicos do MDN, feitos a partir da matriz daquele inquérito.

Um estudo internacional com a participação do português, Eduardo Sobral, confirma aqueles resultados, de que o povo português se revê, de um modo significativo, na sua história e língua, e também nas suas Forças Armadas. Na interpretação daquele autor, esta imagem de prestígio das FA deve-se à sua participação no 25 de Abril, o que, coloca este acontecimento em paralelo com a Fundação dos EUA, por representarem, no tempo da sua fundação, um país que se libertava da crueldade do absolutismo europeu da época, ou, com o herói Simon Bolívar, figura cimeira para os venezuelanos, por causa da sua luta pela libertação da América Latina.

Estes factos remetem-nos directamente para os valores centrais das Forças Armadas: A Ética – não se praticar contra terceiros, o que não se quer que se faça contra nós; A Deontologia cumprimento dos deveres profissionais, ou seja ganhar as melhores competências para, em cada momento, se dar o melhor ao país e à instituição, através de um comportamento honesto, leal e assertivo que não usa, nem aceita nenhum esquema para o beneficiar e, ou prejudicar outros, e a Moralidade, no sentido mais amplo do respeito em todas as circunstâncias dos direitos humanos, o direito e da protecção da vida humana de toda a agressão ilegítima etc.

Numa palavra se estes valores forem inscritos nos comportamentos de todos os militares, e, estes, tiverem os instrumentos para num processo de cima para baixo, mas também de debaixo para cima, para corrigirem os comportamentos perversos, então, dentro das forças armadas está criado o ambiente para se fazer o melhor, no mais estrito critério de uma gestão

sem gorduras.

Todavia, esta questão não pode ser abordada com uma posição corporativista, conhecida da psicologia que leva em relação ao in-group a ser muito benevolente, e em relação aos out-group ter uma atitude de grave, a colossal crítica – o que, releva de um défice no comportamento ético.

Regressado ao comportamento balizado pelos valores, tornar-se-á fácil de reconhecer, como actualmente acontece com líderes indianos de topo a nível mundial que só um ambiente de trabalho muito complexo que exija mais e melhores conhecimentos, dedicação e criatividade pode constituir-se o habitat para a emergência de líderes de elevado desempenho.

Num ambiente complexo com práticas correctas, num contexto de políticas de recrutamento e avaliação científicas, isto é, com os instrumentos técnicos e científicos ao dispor, que é o contrário da rotina desleixada, fácil e pouco esforçada, ou do idealismo visionário, desabrochará a forte mas leal competitividade que premiará, justamente, os mais aptos, de acordo com o perfil de progressão referido no meu texto: Gestão dos recursos humanos no Exército – um certo Bojador.

A questão da informação pública clara, transparente em termos, do que são, e o que fazem as Forças Armadas a nível Nacional e Internacional, bem como, dos seus custos, justificação dos mesmos e da vantagem da sua existência, é fulcral, e esta política deveria ser seguida pelo Ministério da Defesa Nacional e pelo EMGFA. Por exemplo, poucos portugueses compreendem a compra de dois submarinos com custos tão elevados, quando estamos em crise, e não se sabe qual a sua utilização ao serviço da defesa da nossa zona marítima exclusiva, pensando alguns que a compra dos mesmos serviu à Alemanha para equilibrar o seu défice, e aos portugueses e gregos para agravar as suas contas públicas.

Também parece que a população portuguesa gostaria de ver mais vezes junto de si, os nossos militares, como vemos estes mesmos militares tão próximo de bósnios e kosovares etc. Nesta área, a abertura dos quartéis às comunidades locais, para os jovens e mesmo os idosos praticarem desporto, ou receberem formação em várias áreas saúde, desporto, segurança etc. é de excepcional importância, e seria uma medida de elevado alcance.

A última questão a da utilização das FND ser mais financiada pela NATO ou ONU, é, para mim, muito clara, e põe-se ao mesmo nível da mutualização das dívidas públicas dos países da União Europeia.

Como é reconhecido, e também vi-o, e confirmei na Bósnia, o Exército português (as Forças Armadas Portuguesas) apresenta no terreno algumas vantagens em relação a exércitos de outros países, como a Inglaterra, os EUA, a Alemanha e mesmo a França, pelo que, esta nossa vantagem, quer ao nível da melhor e mais natural relação com os povos e no cumprimento de tarefas específicas, quer porque os EUA e a Alemanha, levam atrás de si uma poderosa máquina comercial, onde, os militares dos outros países deixam muitas divisas, deveria, moralmente, propiciar a transferência de verbas dos países mais ricos para os mais frágeis, para não só cobrirem as despesas militares, mas ajudarem o próprio país e a nossa população, o que, tornaria muita mais compreensível, aos portugueses, a ida das nossas forças armadas até ao Afeganistão, e outros países, além de que, me parece justo, moral e imperativo num contrato de solidariedade - nós damos o que podemos dar, grandes militares, mas este esforço não deveria punir os contribuintes portugueses.

Permitam as potestades que, este e outros textos, sejam lidos, mas de qualquer modo, se não

houver rupturas epistemológicas e de visão ficaremos sempre a marcar passo, com os governantes a darem às FA cada vez menos meios, e os senhores generais CEME ao saírem, a dizerem que fizeram cada vez melhor, o que, transmite a mensagem para o poder publico, de que, se com menos meios, fazemos sempre melhor, então, faz todo o sentido ao governo acreditar que quanto mais apertam o cinto às Forças Armadas, melhor nós fazemos, logo...

29 Fevereiro 2012

Andrade da silva

PS: Não será nenhum despropósito de que enquanto procuramos resolver estas questões, relembrar que o país se apresenta bloqueado, como revela a contradição, uma maioria do país diz que está descontente com a condução da governação, mas também acrescentam que as actuais oposições não fariam melhor, e, ainda, o Sr. Presidente da República e o Governo não estão a dizer a mesma coisa. O Sr. Presidente diz que o protocolo da Troika é um funeral para milhares de portugueses, e que há outros métodos para remover das nossas entranhas tão evidentes sinais de declínio sem ser austeridade, sobre austeridade. Porém o tempo corre, e nada de significativo o Sr. Presidente da República faz, e, enquanto, isto, o Governo e o Sr. Carlos Moedas diz que tudo está feito para relançar a economia, até o pedido de financiamentos, mas como essas verbas ainda não chegaram, não podem ser injectadas, e que vai haver mais desemprego, mas, e apesar disto, segundo o governo, vivemos na Terra Prometida. Mas se não for, assim, como parece, como será, quando o povo cair em si?

Tentarei falar proximoamente de quais são os eixos que devem ser trabalhados para uma melhor cultura institucional, segundo estudo internacionais envolvendo dezenas de países, incluindo Portugal.